

A SEMANA

DIRECTOR: VALENTIM MAGALHÃES

Redactor-gerente, MAX FLEIUSS.

Escritorio, rua dos Ourives n.º 71, 2º andar.

Secretario da redacção, H. DE MAGALHÃES

SABBADO, 16 DE DEZEMBRO DE 1893

EXPEDIENTE:

Assinatura annual. . . 12\$000
 " semestral 7\$000
 Numero avulso. . . \$200
 " ultrazado . . . \$300

As assignaturas terminam sempre em junho e dezembro

Terminando neste mez o 1º semestre da segunda phase d'A SEMANA, rogamos aos nossos dignos assignantes o inestimavel favor de mandarem reformar suas assignaturas, a fim de que não seja suspensa a remessa da folha.

SUMARIO — Historia dos sete dias — Julio Valmor; A choradeira litteraria — Urbano Duarte; Cantico dos canticos, poesia — Henrique de Magalhães; Nocturno — Luis Rosa; Ao oriente, soneto — Geravasio Fioravanti; Apuros de um ministro — Dr. Castro Lopes; De sonho em sonho, soneto — Maria Moraes; Gazetilha litteraria; Dos vicios de linguagem — H. de Godoy; Parnaso Alegre: A uma chineza, soneto, Manoel da Horta; Theatros; Collaboração; serenata arabe — Julio Reis; Factos e Noticias; Arquivo.

Historia dos sete dias

Já os senhores se estão a sorrir porque audevem que, nesta "historia dos sete dias," de historia ainda poderá haver alguma cousa, dos sete dias é que não haverá cousa nenhuma.

Mas tambem quem ha ahi que possua actualmente uma noção exacta do tempo? Qual dos meus amigos seria capaz de afirmar á luz do sol, diante das ultimas descobertas da sciencia de governar os povos, que o dia tem rigorosamente vinte e quatro horas?

A acreditar-se o Conte, o unico principio absoluto é que nada é absoluto. Ora, eu, que sempre me deixei levar pelos philosophos, compenetrei-me por tal arte daquella theoria, que ha muito tempo que não emitto o meu pensamento sem o rodear de tantas restricções, condições, concessões, etc., que elle não possa por fórma alguma pretender o absoluto que os sabios negam ás affirmativas humanas.

Assim, por exemplo: Um amigo encontra-me na rua e interroga-me:

— Como vaes, Valmor, Estás bom?

— Eu te digo: Se estar bom é ter o organismo em condições perfeitas de funcionamento, de modo que os centros vitaes não soffram o menor embaraço, havendo completo isochronismo na systole e diastole, enquanto os vasos se mantem perfeitamente calibrados, se assim ouso exprimir-me, eu talvez possa afirmar que...

Uma senhora inquire:

— Gosta de flores, Sr. Julio?

Respondo, minha senhora. Se a flor não é como a flor de liz, como a flor do

café, o distinctivo de uma seita, de uma bandeira, eu não tenho duvida em assegurar a V. Ex. que...

E assim em tudo o mais.

Por este meio, fica a gente bem com a sciencia e não fica mal com os homens.

Que, nisto de duvidar de tudo, o chronista leva as lampas ao Descartes. Sim, porque elle afinal sempre acreditava que existia, por isso que pensava, emquanto eu, de um septicismo muito mais afinado, chego até a duvidar que pense.

Com o fim de rebater os impetos da nossa natureza expansiva dão os moralistas pela bocca de D. João Manoel o seguinte conselho que convem muito meditar em cada manhã:

"Seis coisas sempre vê
 Quando fallares te mando:
 De quem fallas, onde, o que,
 E a quem, e como, e quando."

Tomadas estas precauções, a vida torna-se uma verdadeira delicia: póde uma pessoa gozar de inteira liberdade, indo para as praias observar o bombardeio, depois de jantar. Se vier alguma granada perdida da baralha já conhecem a receita: assim que lhe ouvirem o assovio é atirarem-se de barriga ao chão. Mas cautela com o garoto que aqui no Rio não é melhor do que em Paris. Este patife, quando foi do cerco, ao avistar um burguez adiposo, de grande ventre, a custo sustentado pela flaxidez enxundiosa dos membros inferiores, gritava-lhe logo: "gare l'obus," só para ter o gosto de o ver atirar-se de cachapuz na lama.

O escritorio da redacção da SEMANA tem ultimamente sido mimoseado com uma granada e varios projectis de pequeno calibre. Entendamo-nos. Isto aqui é fortaleza de outra feição. Emquanto a coisa vai de manlichers de ironias perfurantes, de kropatcheks de adjectivos percuientes, jogados por detraz de baterias compactas de metaphoras, com sentinellas alarmanes de interjeições exclamativas, muito bem; sim senhores, cá estamos nós. Mas se se trata de balas das que furam a pelle e estraçalham os tecidos, para virem cá dentro apagar com um sopro a chamasinha da vida, que tanto custa a alimentar, tenham paciencia, mas não é conosco. Deixem lá exclamar o epico:

"Para servir-te braço ás armas feito,
 Para cantár-te mente ás musas dada."

Nenhum de nós aqui tem a pretensão de ser Camões.

Mente ás musas dada, vá que seja: estamos ás suas ordens, e o vencedor, se nós sobrevivermos, póde contar conosco para lhe cantarmos a Odyssea. Braço ás armas feito é que não, porque, de avesado que está á penna não tem força para sustentar uma espada.

Portanto, vejam lá se fazem a dança sem nos darem embigadas de balas, para nos obrigarem a entrar para a roda.



Realisou-se no domingo ultimo a collação do grau aos estudantes da faculdade livre de direito que concluíram o curso.

Entre os nomes dos adeptos figura o de João Ribeiro, poeta, jornalista, philologo e professor de humanidades, e tudo de primeira qualidade, o que mais é.

Até agora elle era alguma cousa que nem todos são; pela investitura do grau, adquiriu o direito de conclamar com o Junqueiro:

"Sou, como toda a gente, um bocharel formado."

A homens da estatura de João Ribeiro um grau em qualquer faculdade não pode dar nem girar honras. No entanto, invertido o apophtegma do Dr. Antonio Ferreira, concluiremos parallelamente que

"Não fazem danno ás musas os doutores."



O leiloeiro levanta ao alto um livro de versos, em oitavo, encadernado e grita:

— "Meus senhores, um livro de poesias."

UM LANÇADOR — "Dois vintens."

O LEILOEIRO — "Dois vintens, dois vintens o livro. Não ha quem mais lance?"

O LEILOEIRO — "Pois não ha ali quem offereça mais de dois vintens por uma obra onde ha bellezas destas: (Abre o livro e lê):

"Era noite sem lua sem nada..."

O LANÇADOR — "Está lá isso? Nesse caso retiro o lance."

E' com facecias deste jaez que os rapazes da geração litteraria do chronista se davam a metter a riso a reputação que como poeta conquistara o autor do "Guerrilheiro," esse Palmeirim que acaba de finar-se em Lisboa.

E, no entanto, o autor da "Vivandeira" poderia retorquir áquelles Virgílios de entre o Marrare e o Martinho, que toda a vida haviam preferido a somba da olata aos ocios nada seguros de bivac: As minhas estrophes profundamente sentidas extenuaram-se-me todas do coração effervescido na ebullição de um sangue estuante de amor da patria no encarnicamento das refregas civis, quando eu andava de arma ao hombro a dar caça á tyrannia, como os mais ousados de entre vós apenas tomam hoje dar caça ás perdizes. Por isso o povo, de norte a sul, entoava as minhas canções com uma commoção e um estremecimento que, ai de vós, nunca experimentará ouvindo os vossos versos, na maior parte encadernados apenas

para gaudío das irmandades, nos lausperennes da fidalgaria das letras, d'onde exeluis a arraia miuda. Dizei ao vosso de Bauville, ao vosso Lecomte de Lisle, ao vosso João Maria de Heredia que o auctor da "Anninhas" não trocaria por todos os thronos em que elles vivem adorados, nas egrejinhas que a si proprios se erigiram, a suave emoção consoladora, que muitas vezes tem experimentado, quando no campo, ao cair da tarde, emquanto atravessa a levada, equilibrando-se a custo nas alpondras resvaladas, escuta na azenha proxima a voz da moleira cantarolando:

Anninhas, Anninhas
Isto assim não dura.
Anda fazer queixa
Ao teu padre cura.

Nenhum de nós deixaria naturalmente de lhe dar razão. No entretanto, desconfessavamo-lo com amargas ironias, de que elle agora se vingou, aniquilado como se encontra na porção meos valiosa do seu ser, unica susceptivel de ser attingida por epigrammas de botequins, e rediviva a parte mais nobre na ternura impercível da alma popular.

JULIO VALMOR.

A choradeira litteraria

Cá entre nós quando um rapaz sente vocação para as letras, começa escrevinhando em jornaes de provincia ou em gazetas de segunda ordem. Si tem de véras talento, este não tarda a ser notado. Os entendidos fazem-lhe festa, elogiam-n'o, animam-n'o.

Esta auspiciosa estreia o enche de ardor e de esperança.

E' a primeira phase: a do enthusiasmo. Com as illusões e inexperiencia da mocidade, o joven escriptor julga que fez a conquista do publico e penetrou no templo da gloria. Então "lança" o seu primeiro livro, prosa ou verso, quasi sempre verso.

Em geral (ha excepções que todos sabemos) o livro de estreia nada significa, por mediocre, sem cunho pessoal, repizador de cousas sedicões. Compulse o leitor com volumes de versos que se têm publicado no Brasil de certos annos para cá: encontrará quatro ou seis bons, denunciando talentos originaes e vibrantes, verdadeiros cultores da arte; os restantes podem ser resolutamente atirados á cesta dos papeis inúteis, sem prejuizo sensível para a litteratura patria.

O estreante vê que os seus versos não produziram o effeito almejado durante as insomnias da gloria; ninguém comprou o livro, os jornaes apenas lhe fizeram uma referencia ligeira e banalmente elogiosa.

Temos a segunda phase: a da choradeira.

Tristonho, desanimado e ferido no seu amor-proprio, o novel litterato transformou-se em uma especie de Mariosito a lacrimar sobre as ruinas da Carthago das suas illusões contrariadas.

Um massador de primeira força! Elle não escreve quatro linhas a respeito de qualquer assumpto, sem encaixar umas jeremiadas assaz soporíferas sobre o decahimento da litteratura nacional, sobre a indifferença do publico, o analfabetismo das massas, o egoismo dos editores, e o mercantilismo corroedor dos ideias; sem dizer que o

culto das letras é um sacrificio inglorio, que mais vale fabricar tamancos do que dar á luz obras primas, e quejandas lamentações "à faire dormir debout."

A' essa phase segue-se a terceira: a da descompostura.

Detraeta os litteratos mais velhos e de reputação feita, acha-os fóra de moda, morrinheiros, ruins, e não hesita mesmo em classificar-os na familia zoologica dos muars.

Depois de passar pelo enthusiasmo, pela choradeira e pela descompostura, transforma-se em "fruit sec" e renuncia a conquista da gloria.

Talento não lhe faltava, quem lh'o matou foi a "choradeira."

E' contra este dissolvente microbio que me ergo com todas as forças.

Nada existe de mais contagioso do que a descrença e o desanimo.

De resto, os litteratos brasileiros não têm absolutamente razão de desanimar do seu officio.

Os leitores hão de surpreender-se com esta audaciosa asserção que faço, e cuidarão talvez que provém de qualquer velleidade paradoxal.

Vejamos.

Evidentemente, o Brazil está longe de ser uma nação litteraria e artistica, pois o nosso meio social não chegou ao estadio de adeantada e refinada civilização que differencia as profissões a ponto de dar feição industrial permanente aos productos da imaginação. As letras não constituem entre nós uma profissão, uma carreira, uma industria. Todos que escrevemos somos mais ou menos amadores e dilletantes, e a prova é que ninguém até hoje tem conseguido manter-se exclusivamente com os proventos da penna. Aceita esta preliminar, pergunto: dos nossos poetas, romancistas, dramaturgos, chronistas, jornalistas, pintores, musicos, esculptores, de verdadeiro e genuino talento, qual o que tem o direito de se queixar?

Carlos Gomes, o nosso mais genial artista, tem ganho rios de dinheiro no Brasil, a gloria nunca o desamparou, saciaram-n'o as ovações populares.

Bernardelli está encarregado de trabalhos que o hão de enriquecer; o seu nome é saudado onde quer que se o pronuncie.

Alencar é uma celebridade nacional e quasi não ha dia em que não seja lembrado; os seus livros deram-lhe vasta nomeiada e um bom par de contos de réis, sendo inda hoje lidos de norte a sul.

O mesmo se póde dizer de Macedo e Bernardes Guimarães.

Qual o grande poeta que não fosse recompensado pela popularidade e pela gloria?

D'entre os litteratos militantes, um só não vejo que se possa queixar da injustiça dos homens ou da inclemencia da sorte. Si se queixarem, fiquem certos de que é por "luxo."

Pela minha parte, sem aliás me considerar incluído na brilhante pleiade, confesso-o ingenuamente: ha quinze annos, que escrevinho pr'aqui e pr'ali, sem grandes pretensões. Pois absolutamente não me queixo, nem do publico, nem de pessoa alguma. Acho sinceramente que os meus escriptos tem-me angariado não só em notoriedade como em nickéis, exactamente o que elles valem, nem mais nem menos. Si por vaidade me julgasse "méconnu," mentia.

E' innegavel que os acontecimentos politicos tem perturbado e paralisado o

movimento litterario, porém isso é cousa passageira.

Quem se sentir com gello para a cousa, trabalhe com persistencia e coragem por que ha de vencer a apparente indifferença do publico.

E nada de choradeira!

URBANO DUARTE.

CANTICO DOS CANTICOS

Que nem da rosa o aroma exhale-se!
Cale-se a voz queixosa do alado...
E mudo fique o bosque e o vento e o mar feroz!
Pois que, como o lilaz entorna o odor do calice,
A deusa meiga, em placida attitude,
Da urna da bocca entorna a voz!

E quando a voz golpeja emphatica,
—Versos dizendo em otro cinzelado—
De sua bocca, que tem o aroma de um jardim,
Das aves vem-me á idéa a gralhada chromatica,
De uma gruta no concavo enfiado,
Aberto em mar e marfim.

Amor, ouvir-te, é ouvir o Cantico dos canticos
Da Sulamita pela voz maviosa!
Quando começa a falar,
Minh'alma vai vogando em murmuros atlanticos
Sem remos e sem barco,—venturosa,
Toda banhada de luar!

Voga, até descobrir plagas paradisiacas,
Onde ha cascatas de otro as mais sonoras,
Onde é sonora a propria luz:
E ha perdidas pelo ar sonancias elegiacas...
E para um doce rosicler de nuroras
D'esse encantado mundo á flux.

E' o nosso mundo, amor! Amor, é o mundo
Que, d'essa voz ao feiticero encanto,
Do chaos, esplendido, rompeu!
Nelle a calumnia não rasteja e o odio tragico
Não ruge; e em vez de ter caudales de pranto,
Possue o sol do riso teu!

Se, em gondola que nos leveasse pelo Adriatico,
Os versos me dissessem de Petrarca,
Embora, blasphemo, o tufão
Ululando passasse,—embevecido, extatico,
Eu te ouvira, a sentir do peito na arca
Bater fremente o coração!

Que nem da rosa o aroma exhale-se!
Cale-se a voz queixosa do alado...
E mudo fique o bosque, e o vento e o mar feroz!
Pois que, como o lilaz entorna o odor do calice,
A deusa meiga, em placida attitude,
Da urna da bocca entorna a voz!

HENRIQUE DE MAGALHÃES.

NOCTURNO

Dizem que as estrellas mentem. Não creio. Só sei que ellas fazem-nos ás vezes revelações de tal genero, que recorrendo hoje e por instantes a conversação que com ellas tive numa noite de Junho, poeticamente silenciosa em torno de mim, como que me sinto elevado, suspenso no ar, cheio de uma musica rythmada e doce, e coberto como que por um amplo e largo manto luminoso, phosphorescente e diaphano,—um pedaço da Via-Lactea arrancada ao céu.

Mas que venham dizer como isso foi; nem eu mesmo o sei contar. Lembra-me apenas que tinha a cabeça encostada ao tronco de uma arvore do meu quintal aromado e os olhos voltados para cima. Scismava. Scismava em que? Ora, em que ha de scismar um homem que ama, digam-me lá. Na mulher que adora por certo. E era o que eu fazia, mas fazia-o de uma maneira poetica, que me deliciava tanto e tanto que, muito embora o vento aspero e frio fizesse tremor as violetas nas moitas e os ninhos nos ramos em torno, tinha desejos de allficar a noite inteira a scismar, a scismar por longas horas assim.

É que sinto uma adoração extranha pelo silêncio; fatiga-me o murmúrio do mundo aspero e rude, e só sinto a alma melancólica desabrochar como uma flor dentro em mim, quando me sinto só, rodeado do silêncio, n'um bosque, onde possa evocar, sem que me perturbem, todos os meus sonhos e todas as minhas aspirações. Só, cominigo mesma, com a minha alma apenas, como n'essa noite de Junho; só, na paz melancólica do meu jardim cheio de rosas que velam a noite inteira a tiritar de frio, nos beijos frios da lua. A' imaginação volvem-me então os gozos mais ternos e meigos, de uma meiguice adorável; sinto que novos desejos irrompem-me da alma e a imagem d'essa por quem vivo, recorde, límpida e suave, trazendo nos lábios a musica rythmica das alegrias que me hão de vir um dia nas azas do seu riso e nos seus osculos de esposa meiga. Sonho de olhos abertos, como um vidente. Sonho e goso assim por longas horas da noite, cercado sempre pela paz, pela monotonia que a noite traz no seu manto mysterioso. Mas, n'essa noite de Junho, embora o frio cortasse, sentia-me bem. Tinha um mundo de illusões a bailarem-me no cerebro e um bando de caricias a enflorarem a alma. Scismava e scismando insensivelmente fechei os olhos e vi—ó visões conatelladas das noites frias!—vi uma estrella sorrir-me do alto e desprendida do céu, como se tivesse o vôo de uma pyrillampo enorme, descer, descer, leve e dourada e vir pousar sobre a minha fronte. Estremeci sentindo roçar-me a fronte a maciez vellutina, sedosa de uma aza espalmada.

E na doce quietação da noite ouvi uma voz doce e languê, como a nota desprendida de um violino magico:

— "Eu sou o teu melhor sonho, poeta. Canto como uma cotovia e venho desprendida do céu, dourar-te a rima melhor, a melhor estrophe que burilas..."

Depois, leve e dourada sempre, dourada e leve subiu ao alto e inscrustou-se de novo no azul do infinito como um diamante precioso num estofa carissimo.

Mas, outra estrella seguindo a esteira de luz, descendo a escada de raios fulgurantes que a primeira deixára após si, como uma fita de ouro e chammás, desceu a terra e veio pousar-me no hombro.

— "E eu sou o teu melhor desejo, me disse ella com a voz a trahir as notas magoadas de uma flauta languida e tremula.—"Cantam dentro de mim todas as delicias e brillham dentro em meu seio todos os sóes de límpidos olhares. Desei para cantar-te ao ouvido a musica alare e ruidosa da esperança. Sonha... poeta, sonha ainda..."

E senti roçar-me os lábios um labio morno, tepido, aromado...

Mas, apenas a estrella volvera ao seu logar no céu amplo e azul e já uma outra descia a pousar a cabeça luminosa sobre o meu peito. E ouvi então:

— "Não me conheces? Eu sou o teu melhor sonho e o teu melhor desejo juntamente. Trago-te luz brilhante de alegrias nos olhos, e delicias adoráveis no riso. Trago-te todas as inspirações, trago-te todos os desejos. Vamos, meu poeta, accórda. Não me conheces, então?"

Abri os olhos e—ó goso infinito, ó realidade sublime!! aconchegada a mim, tremula e a tiritar de frio, ELLA repousava a fronte scismadora sobre o meu

peito e fitava-me com os seus grandes e bellos olhos quasi negros.

— Vamos, meu amor, ha tanto calor na tu'alma e eu estou tão fria! me disse.

E eis ahí porque vou jurar que as estrellas não mentem.

LUZ ROSA.

AO ORIENTE

Partimos! Vem lá onde a plaga expira
Da Índia escrava, ardente e seminda,
Lá onde o rio santo a vaga estira
E os mortos passam no clarão da lua.

Dos pagodes á sombra, quasi nua
Daíca a ronda de amor que aos céos delira;
Além! além! o seio morno estira,
A noite geoe, o cupinzal suspira.

Vem! Não esperes que a vellice ingrata
De teus cabellos uode o ouro em prata,
E as cordas quebre, que em oco labio tanges.

Lá, de rajahs um palanquim teremos,
E dos bonzos á reza acouharemos
Ouvindo o triste soluçar do Ganges.

Recife, 1889.

GERVASIO FIGORAVANTI.

APUROS DE UM MINISTRO

— Então, eu não lhe dizia, meu marido? Ganhei a aposta; tem de me dar aquelle côrte de vestido, que vi na "Notre Dame de Paris."

— Está muito contente? Já não se lembra dos aborrecimentos, que tive da outra vez que fui ministro?

— Ora! Neste mundo ha de a gente soffrer sempre alguma cousa. Mas não desconverse; você está, já ha um mez, com a pasta, e por ora nada de vestido.

— Amanhã, amanhã.

— Isso me diz você todos os dias.

— Amanhã é sem falta. Agora vou trabalhar; tenho que assignar o expediente.

E subiu para o segundo andar o laborioso ministro, deixando a querida consorte entregue á doce esperança de receber no dia seguinte o preço da aposta, que fizera de que elle seria chamado para o novo gabinete.

Passados alguns instantes é annunciada a visita da Sra. D. Jeronyma, acompanhada de sua filha.

A Sra. D. Jeronyma é uma viuva de bella apparencia, apesar dos seus quarenta e cinco annos de idade. Sua filha, magrinha, e algum tanto curvada para diante, tem as faces pallidas, e profundas olheiras.

Entrando para o salão, ahí se conservam as visitantes cêrca de meia hora, á espera da dona da casa, que foi concertar o penteado, e mudar de vestido.

De repente entra esta ultima com passo apressado, e ao ver a Sra. D. Jeronyma, e a filha, exclama:

— Ora! Porque não me mandou o seu cartão? Podiam entrar para a sala de jantar...

Todas estas palavras foram pronunciadas entre beijos e abraços dados nas visitantes.

— O que me parece é que vim incommodal-a.

— Não ha tal; dá-me sempre muito prazer com a sua visita.

— Muito brigada, minha boa amiga. Como está o Sr. conselheiro?

— Não passa muito bem; trabalha muito, e até alta noite. Eu fiquei tão aborrecida com esta nomeação delle para ministro, que até aconselhei-o que não accitasse.

— Isso não; seria uma desfeita. E chegando-se para mais perto, diz com a mais doce inflexão de voz:

— Minha amiga, minha querida Chiquinha, venho pedir-lhe uma cousa, e espero que não me falte.

— Sendo possível, minha boa amiga, conte que está servida.

— Eu quero que você se empenhe com o conselheiro, affirmo de que elle arranje um logar para um moço, a quem muito estimo, e a quem desejo de todo o coração servir.

— Peço-me exactamente um impossível.

— Porque?

— Porque Quincas me prohibiu absolutamente de empenhar-me para arranjar empregos, ou negocios, que dependam do governo.

— Meu Deus! Isto é uma infelicidade, que eu não esperava...

— Mas não desanime; peça você mesma; elle não gosta de receber empenhos.

— Porém...

— Olhe, Quincas não pôde tardar; estou ouvindo passos; é elle que vem descendo.

Um instante depois entra na sala o amavel ministro, a quem D. Chiquinha se dirige nestes termos:

— Quincas, D. Jeronyma, e sua filha, que nos vieram visitar.

— Minhas senhoras, atalha o conselheiro, dirigindo-se a D. Jeronyma, e á sua filha, não poderia eu ter surpresa mais agradável. E assentando-se, proseguiu:

— V. Ex. sempre bem disposta; vejo que gosa prospera saúde, e a Yáia ercio que...

— Yáia não passa bem; sempre o seu maldito nervoso.

— E' verdade; está um pouco pallida; mas de uma pallidez encantadora...

— E mal sabe V. Ex. que está em suas mãos dar remedio a este padecimento.

— Não sou medico; mas, si de mim depende o restabelecimento de tão preciosa saúde, estou ás ordens de V. Exc.

Neste momento D. Chiquinha diz:

— Minha amiga, você não é de cerimonia; fique conversando, que eu vou dar umas ordens lá dentro, e volto já.

— Sr. Conselheiro, continuou D. Jeronyma, entre nós deve haver toda a franqueza.

— Toda a franqueza, minha senhora.

— Um moço, a quem muito estimo por suas boas qualidades deseja casar com...

— Com V. Exc.?

— Não senhor, com Yáia.

Neste momento a moçinha tem um forte estremecção, fecha os olhos, e solta um longo suspiro.

— Oh! Yáia está desmaiando, diz o Conselheiro um pouco assustado.

— E' o tal nervoso; é o tal nervoso; mas passa já. E ao dizer isto, abre o indispensavel, d'onde tira dous vidriinhos: um de vinagre aromatica, e outro de sal ammoniaco, que applica ao nariz da nervosa menina.

Esta dá um estrondoso espirro, e abre os olhos, que começam a verter lagrimas, como perolas a deslizar pelas faces.

O ministro dá o braço á menina, e diz a D. Jeronyma:

— Vou levar-a á minha senhora, para que a distraia.

Um momento depois volta, e ouve de D. Jeronyma as seguintes palavras:

— E' o que V. Ex. acaba de vêr; em se falando no noivo, ou no casamento,

tem logo um ataque. Tenho-lhe feito umas poucas de juntas medicas; e todos os Srs. doutores dizem que é preciso casal-a, casal-a quanto antes.

— E' verdade: os medicos aconselham em certos casos o casamento.

— Por isso venho pedir a V. Exc. que me arranje um bom emprego para o moço; é uma nomeação, de que V. Exc. não se ha de arrepender.

— Minha senhora, pôde ficar certa de que tomo na consideração, que merece, o seu pedido.

— Ora muito obrigada.

— Vou hoje, mesmo, daqui a pouco, nomear uma commissão encarregada de saber as vagas, que existem nas diversas repartições do meu ministerio. O nome do seu futuro genro é...

— Por causa desse nome é que elle já não está empregado: Carlos Fagundes.

— Mas não posso comprehender...

— E' que o nome delle é igual ao do fallecido paé, que era de partido contrario ao dos ministros que cahiram.

— E' desconfiança de V. Exc. Eu conheci muito a pessoa, cujo nome me disse: era muito respeitada, não obstante ter opinião politica diversa da dos meus predecessores.

— Então, Sr. Conselheiro, fico certa...

— Pôde V. Exc. ficar na certeza que tudo farei para servil-a.

— Muito agradecida. Agora, vou-me despedir de D. Chiquinha; e a V. Exc. só digo que se lembre que a nossa amizade não é de hoje.

— Minha senhora, empregar o seu futuro genro será d'ora em diante a minha idéa fixa.

— Bem, adeos; peço-lhe um abraço.

— Esse pedido é para mim uma ventura; será o vinculo, que mais me prenderá ao gostoso dever de servil-a.

Sahem mãe e filha.

— Então, que me diz a isto, Quincas?

— Si eu advinhasse, não teria apparecido. Está vendo ao que se expõe quem tem a desgraça de ser ministro?

Esta conversa do marido e da mulher se passava no corredor fronteiro á escada, onde inesperadamente surge um pretendente, ao qual não pôde o ministro escapar.

— A's ordens de V. Exc.

— Foi uma fortuna apparecer; queira entrar; tenho que dar-lhe uma boa noticia.

— Sr. Conselheiro, eu sou tão "caipora," e aquelle outro pretendente gabase de que tem os melhores empenhos...

— Eu não cedo a empenhos; deixe-o falar; o senhor ha de ser o nomeado; vá, vá descansado, e amanhã leia o "Jornal."

— Beijo as mãos de V. Exc.; muito agradecido.

E sahe o misero supplicante.

D. Chiquinha, que tem ouvido da alcova o dialogo, abrindo a porta, pergunta:

— Quem é este Quincas?

— Não me lembro do nome; nem sei mesmo o que elle pede.

No dia seguinte, quasi á mesma hora, reaparece no mesmo lugar o pretendente, que avista o ministro no momento em que este ia para o segundo andar.

Desta vez foi o proprio ministro o primeiro que falou.

— Oh! entre, entre. E dirigindo-se para o salão, em frente ao misero diz-lhe com o mais amavel dos sorrisos, e abrindo para elle os braços:

— Ora, dê-me um abraço.

O pretendente recua espantado; e por um instante passa-lhe pela mente a idéa de que o ministro estava louco...

— Como, senhor! ?...

— Então, não viu o "Jornal"?

— Vi, Sr. Conselheiro, mas...

— Mas não está satisfeito?...

— Nem é possível! Estou desesperado! V. Exc. nomeou o meu contrario.

— Que está dizendo? Que está dizendo?

— A verdade, senhor: aqui está o "Jornal"

— Pois o senhor não se chama "José Francisco da Silva"?

— Não, senhor; esse é o nome do outro.

O ministro leva ambas as mãos á cabeça, e deixa-se cahir em uma poltrona, exclamando:

— Eu acabo louco!... Creia, meu amigo; são tantos os negocios, tantos os nomes dos pretendentes, que eu, desde que o senhor teve esta pretensão, julgava que era este o seu nome!... Olhe; quer saber de uma cousa? uma vez, até em um aviso, em lugar de pôr a minha assignatura, escrevi o nome do pretendente!... Mas tranquilize-se; eu vou nomeal-o para lugar muito melhor; ha males que veem para bem. Vá, vá descansado.

E foi assim amigavelmente despedindo o infeliz, de quem acabava de zombar sem dó, nem compaixão.

Acompanhou-o até á escada, por onde subia nesse momento D. Jeronyma, que desta vez vinha só.

— Sr. conselheiro, cá estou eu, disse a quarentona, adocicando o mais que pôde a voz.

S. Exc. desceu alguns degraus, e offerecendo o braço, ao subir com aquella, foi-lhe soltando esta amabilissima phrase:

— Sem duvida destinou Deus o dia de hoje, para que eu gozasse do maior prazer e ventura.

— Não seja lisongeiro; ainda não perdeu esse costume?

Já na sala, e sentada no sofá, D. Jeronyma dirigiu-se ao ministro:

— Olhe, que não lhe venho lembrar.

— Nem é preciso. A commissão tem trabalhado com todo o esforço; porque eu recomendei urgencia: qualquer destes dias ha de dar o relatório, e o official de gabinete fará o extracto da exposição.

— Muito obrigada, muito obrigada. D. Chiquinha como está?

— Foi ao dentista, Excellentissima.

— E eu que bem preciso tambem de ir. Mas, meu caro conselheiro, então breve...

— Minha senhora, isto deve ser quanto antes; porque creio que tenho de deixar a pasta dentro em muito pouco tempo.

— Que me diz? Não faça tal.

— Não é possível, Excellentissima; ha uma questão de gabinete.

— Sim; eu ouvi dizer que a Inglaterra nos quer declarar guerra.

— Não posso divulgar o motivo; porém se eu ficar no ministerio, a guerra é infallivel.

— Oh! isso não! Então deixe, deixe a pasta. Não faz idéa com que dôr lhe digo isto. Eu sei; esses malvados inglezes o que querem é que o Brazil não tenha escravos, para ficarmos pobres. Ah! Sr. Conselheiro, eu quando vejo um inglez, é o mesmo que vêr o diabo: são elles a causa de estarem os escravos tão caros; antigamente compravam-se por dez ou doze dobras; hoje são contos e contos de réis.

— Excellentissima, eu vou á secretaria mandar de novo activar a commissão; por isso...

— Bem; pois voltarei breve; e desculpe a massada.

— Não imagina a satisfação, que sinto, quando tenho a fortuna de sua visita.

— Muito obrigada; até breve, muito breve.

O conselheiro, offerecendo-lhe logo o braço, desceu com ella até a porta da rua, onde redobrou os amaveis cumprimentos.

Aquelle dia, porém, em vez de estar destinado para prazeres e venturas, tinha sido marcado para apuros e apertos do desventurado ministro.

Entra nesse instante um moço, parente de S. Exc., que com elle sóbe, dirigindo-se ambos para o interior da casa.

— Então, você me enganou?

— Que está dizendo, rapaz?

— Eu fui ao inspector da alfandega, e disse que era a pessoa, por quem você lhe tinha fallado para elle me propor ao ministro.

— Já sei; elle lhe disse que não era exacto; que eu não lhe tinha fallado. Nem lhe devia dizer outra cousa; você é que fez muito mal em lá ir. Estes negocios não se fazem assim; é necessario guardarem-se as conveniencias; você transtornou tudo. E' bem feito; é bem feito; mas emfim...

— Emfim, eu não quero mais incomodal-o.

— E' isso; ainda em cima hei de carregar com a culpa, que não tenho. Bem; eu vou para a secretaria, e...

— E eu para casa, ficando na certeza de que, emquanto fôr ministro, não ponho mais aqui os pés.

E foi-se.

D. Chiquinha, de volta do dentista, entra instantes depois da sahida do ultimo pretendente, e pergunta ao marido:

— Que tem o Juca, que está tão enfadado com você?

— E' um creançola; eu disse-lhe que tinha fallado ao inspector da alfandega para propol-o ao ministro; mas essa tenção era tão firme em mim, que antes de tel-a realizado, assegurei-lhe que já tinha conferenciado com o homem. Elle tira-se dos seus cuidados, e dirige-se ao inspector, que respondendo-lhe a verdade, disse-lhe não o ter eu ainda apresentado. Veja, veja como é bom ser ministro!...

— Quincas, e o vestido?

— Até você, Chiquinha.

— Eu não sou pretendente; ganhei a aposta.

— Amanhã, amanhã sem falta.

No dia seguinte cahiu o ministerio, e até sua propria mulher ficou lograda.

DR. CASTRO LOPES.

De sonho em sonho...

"Comme une feuille morte, échappée aux boulevaux
"Qui sur une onde en pente erre de flots en flots"

V. Hugo

De flôr em flôr, as providas abelhas,

— Ebrias do rocio em lucidas ampoulas,
Vão dos jardins nas idéaes corbelhas
Sugar o mel das virgíneas corollas.

E ora beijam as castas verdeselhas,
Ora immergem no seio das papoulas,
Sobre o corpo a luzir, como scentelhas,
Do pollen fulvo as aureas lentejoulas.

Na veiga lyrical do pensamento,
Irisada de um puro sentimento,
Nossa alma, assim tambem, com o mesmo ardor,

No afficto anseio de um porvir risosno,
Irrequieta, vae de sonho em sonho,
Como as abelhas vão de flôr em flôr.

Maceió.

MARIA MOREIRA.

GAZETILHA LITTERARIA

No discurso pronunciado por Emilio Zola no sumptuoso banquete offerecido pelos representantes da imprensa e da litteratura russa em Paris aos da imprensa e da litteratura franceza encontram-se as seguintes eloquentes e nobres palavras:

Acima da alliança entre dois povos está a alliança entre todos os povos. E, sem duvida, um sonho. Mas por que não sonhal-o? Porque não esperar da grande corrente de bondade humana que se está formando manifestamente e por que não confluir a causa aos escriptores, a essas vozes pujantes, que vôm de uma a outra nação encontrando um echo em todas as almas, fazendo de toda a humanidade soffredora uma familia unica?"

E é a esse homem que muitos chamam realista, pessimista, materialista?

Acaba de apparecer em Lisboa, reunida em um só volume, toda a preciosa lyrica de João Deus, incluindo composições inéditas, coordenada por Theophilo Braga sob o titulo CAMPO DE FLORES, e por elle precedida de um excellente estudo sobre o poeta e a sua obra.

Em jornaes portuguezes vemos annunciada a venda do livro "Demônios" de Aluisio Azevedo, editado pela casa Teixeira & Irmão, de S. Paulo, e impresso no Porto, segundo cremos. O livro tem obtido lá boa acceitação da imprensa.

Deixem-me sonhar, se é sonho. A realidade é o heito do mundo, o sonho é a gala.

MACHADO DE ASSIS.

Dos vicios de linguagem

Sr. redactor d'A SEMANA.

O grande Francisco Rodrigues Lobo, louvando a lingua portugueza, diz: "E para que diga tudo, só um mal tem, e é que, pelo pouco que lhe querem seus naturaes, a trazem mais remendada que capa de pediute."

E assim é. Os melhores escriptores abusam terrivelmente dos termos estrangeiros; querem occupar muletas por força, embora tenham pernas sans e direitas!

De França nos vem a maior cópia de termos: quem não sabe empregar uma palavrasinha franceza que, como uma deformidade, fique de cocoras em meio de phrases por vezes elegantes, não é gente, é asno!

Por isso a nossa lingua anda coberta de mazellas, tropega, informe.

Lendo agora ha pouco um livro finalmente litterario—"A Familia Medeiros," escripto pela nossa primeira escriptora D. Julia Lopes de Almeida, deparei com muitos termos estranhos, que afoiam a sua linguagem rutilante.

Citemol-os: "Montres, cottage, coquetterie, veloutine, bouquet, fauteuil, grisette, marron, white-rose, ménage, ménagère, tricot, traine, etc."

Para que empregar a palavra—montre, quando temos—amostra; bouquet, em vez de ramilhete; fauteuil por poltrona, etc.?

Além destes, a illustre escriptora emprega—toilette, abat-jour, crochet, gare—que são correntes, mas, alguns, dispensaveis.

Commummente lê-se pelos jornaes os seguintes termos:

"Meeting, carnet, grève, nonchalance, failure, interview," etc., etc.

Ora, não seria melhor empregar—assembléa, ajuntamento ou comício, em vez de meeting; canhenho por carnet; deleixo, indolencia, desmasello—por nonchalance; falto por failure; entrevista por interview, etc.?

Quem possui termos proprios, para que ha-de mendigal-os aos estrangeiros?

E' commum encontrar-se phrases como estas:—Struggle for life, great attraction, dulce far niente, etc., que só têm a propriedade de afeiar a nossa bella lingua.

V. S. mesmo, Sr. Redactor, emprega—interview por entrevista, etc., etc.

A SEMANA, sendo uma bella revista litteraria, não só deve evitar estrangeirismos, mas deve, creio, legislar sobre este assumpto, para que os noveis escriptores (e até os rabiscadores como eu) não caiam em taes vicios.

Ha poucos annos ninguem escrevia a palavra "revólver" com certeza; todos escreviam "rewolver," inglezando o termo!!

O saudoso escriptor Julio Ribeiro "encostou" bolos nos teimosos peccadores, e sahiu-nos por ali, correcta, a palavra "revólver."

Agora os jornaes publicam diariamente um termo errado—projectis!

Vejamos o que diz João Ribeiro em sua grammatica, 2º anno, pag. 91, flexão do plural 4º: "os nomes terminados em "il" atono, mudam o "il" em "eis"; projectil, projecteis; fragil, frageis."

Não será por um descuido lamentavel que os jornaes empregam erradamente aquelle termo?

Si os grammaticos, como Pacheco Junior e Lameira de Andrade, ("Grammatica Portugueza," pag. 503,) chamam ao estrangeirismo—vicio de linguagem—não devemos evitar esse vicio inutil?

HORTO DE GODOY.

Rio-Claro—1893.

PARNASO ALEGRE

A uma chineza

O rabicho me impões; mas... acontece.
Que acontecer, não cedo ao teu capricho...
Se já no coração trago rabicho,
Pra que trazer rabicho na cabeça?

Quizera em kiosque azul, como num nicho.
De chá servir-te; embora reconheça
Que é melhor moita de bambús, espessa.
Onde não possa entrar gente uem bicho.

Como porta que range sobre os gonzos.
Rangem teus dentes sempre aos meus carinhos.
O' flor, que os maudarius puzeste zozos.

Por ti, no entanto, sou capaz dos niulos
Comer das andorinhas, como os bonzos.
E até comer o arroz com dois pausinhos.

MANOEL DA HORTA.

Uma das pretensões mais audaciosas de nossa época é acreditar-se mais perversa que as épocas anteriores.

AURELIEN SCHOLL

THEATROS

O habil. applaudido maestro Domesnech compoz sobre o bello soneto de Raymundo Corrêa "Beijos do céu" uma linda "romanza" que será hoje cantada no theatro Phoenix Dramatica pela Sca. D. Fiase, que tem uma bella voz e bon methodo de canto.

A reaparição do popularissimo actor Branelio no "Abacaxi", apóz a sua temporaria ausencia por doente vale-lhe uma entusiastica ovação que provou mais uma vez como é querido do publico.

Hoje terá esta occasião de applaudir o em uma de suas mais felizes creações "Os typos da actualidade" do saudoso França Junior.

Brevemente fará tambem o Branelio uma scena-cançoneta "A suggestão" para elle escripta pelo nosso amigo Marcos Valente.

Um destes dias "Pum" no Apollo.

O "Pum!" de Arthur Azevedo e Eduardo Garrido (salvo seja!) É um a proposito engraçadissimo. Ha entre outros, um numero de musica que vae dar sorte: aquelle em que se canta:

Aqui da bam...
(Pum! Pum!)
Aqui da bam...
(Pum! Pum!)
Aqui da banda do arsenal...

No Recreio voltou á scena o "Pif-Paf" fazendo desta vez o papel do príncipe protagonista a elegante e sympathica actriz-cantora Nina Leoni, que tem agradado muito.

OS THEATROS DE PARIS

A estação theatral de Paris de 1892-93 foi das mais brilhantes e variadas.

"Eis um bom anno para a arte dramatica,—diz o illustrado critico Léo Claretie, numa revista de que tomámos estes apontamentos—sim, um bom anno, si a prosperidade theatral pôde ser medida pela quantidade das obras, sua variedade e sua sensatez, sem que nenhuma tenha convulsionado o paiz nem accendido o facho das discordias.

No dominio da comedia de costumes e do drama de observação abundaram as obras e novos nomes surgiram no horizonte das futuras celebridades."

Eis naquelles dois generos as peças que mais agradaram: "Jean Darlot," de Louis Legendre, drama popular, que fez applaudir na Comedia Franceza um triumphador do Theatro Livre. Outro "inventado" pelo famoso Sr. Antoine, director deste theatro, onde se tornara conhecido com "Les Fossiles," François de Curel, fez-se applaudir com força no "Vaudeville," com "L'Invitée," que produziu grande impressão no publico como na critica, que nelle saudou "un de nos futurs maîtres." "Celles qu'on respecte," de Pedro Wolff; "Les paroles restent," de Paulo Hervieu; "La Crise," satyra de costumes parlamentares, de Mauricio Bonifacio; "Mariage d'hier," de V. Jannet; "Monsieur de Reboval," de Brieux; "Les amants légitimes," de Janvier e Ballot; "Gens de bien," um

Interessante estudo de família, que trouxe a reputação de Denier, começada com "Les Johards," escripta de colaboração com Guillon; peças todas de novos. Os veteranos também obtiveram triumphos: "Flipote," de Julio Lemaître, um interessantíssimo estudo da vida dos actores e de suas famílias; "La paix du ménage," do pranteado G. de Maupassant; "Un drame parisien," de Ernesto Daudet, em que tanto brilhou a linda, a encantadora Mlle. Darland; "Charles Demailly," de Alexis e Méténier; "Monsieur Cobiseta," de Blum e Toché; "L'argent d'autrui," de Hennique, fizeram successo franco.

Resumindo—considera o citado critico—não houve nessa ordem de peças nenhuma obra prima ruidosa, uma dessas peças de duradouro exito; os grandes chefes ficaram em repouso: Alexandre Dumas, Pailleron, Sardou, estiveram em silencio, trabalhando em peças que farão o successo da temporada futura. Mas, atrás delles ha uma verdadeira legião de dramaturgos habéis, que vão abordando com felicidade o theatro de caracter, de observação ou de condição.

O drama historico colheu também bastantes louros no "Maria Stuart," de Cressonnois e Samson, no "Reine Juana," de Parodi—"impregnado de alta poesia, tragica e rude." A poesia graciosa e ligeira só se fez representar pela "Sapho," de Armand Silvestre, a qual pareceu alambicada e rethorica.

Das peças de pura fantasia, as mais notáveis foram a "Lysistrata," de Donnay, e "L'homme à l'oreille cassée," arranjada, e mal, do livro de About por Decourcelle e Mars e ainda "Les trois sultanes," de Favart, "em réprise," em que teve um successo de graça, travessura e faceirice a adorável Mlle. Ludwyg.

A peça de Donnay foi principalmente, e dahi o seu exito, uma deslumbrante exhibição de lindas mulheres e appetitosas cortezãs, que faziam uma encantadora moldura ao talento da Réjane e da Tessandier. (Ai, nós lá!)

O genero vaudeville esteve em alta, pelo numero e pela qualidade, graças á "verve" inextinguível e desopilante de Blum, Toché, Vallabrègue, Gandillot, Feydeau, Rolle, Gascogne, Ordonneau e outros muitos felizes sacerdotes do Santo Riso.

"Le voyage de Berluron," "Le système Ribadier," "Le Sous-Préfet de Chateau-Buzard," "Champignol malgré lui," "Corignan contre Corignan," "Le premier mari de France" foram os "vaudevilles" de maior fortuna, principalmente o ultimo, já nosso conhecido da exhibição no Lucinda, pela companhia do Peixoto, na qual a distincta actriz Clementina si não deu idéa do que fazia do papel a deliciosa Mlle. Lender, foi naturalmente por não tel-a visto.

"Champignol malgré lui" não agradeu menos que "Le premier mari de France."

E' uma peça endiabrada de graça e movimento, uma meada embrulhadíssima de qui-pro-quòs que os autores desatam e desfiam com uma habilidade espantosa e um comico inextinguível.

Outro genero que obteve o favor publico e rendeu bons milheiros de francos aos empregarios foi o melodrama, o veneravel e "immorivel" melodrama, o que é devido á excellente disposição do povo, muito menos "blasé" do que se pensa e sempre capaz de illusão e

emoção—o que prova a sua boa saúde moral. "A troça é o bacillo das multidoes"—sentencia o nosso critico.

Ellas choraram novamente e com muito prazer ante as desgraças e aventuras de "Latude ou 35 annos de prisão," "A casa do banhista," "A ramilheira dos Innocentes" e a immortal "Graça de Deus," que ali está também a fazer derramar cachoeiras de pranto no Recreio Dramatico.

A velha guarda, commandada por d'Ennery, Piréxicourt, Anicet Bourgeois, Maquet, etc., vai sendo continuada e rendida pela nova, em que se distinguem Dormey, D'Aigremont, Duchez, Bompard, Mahalin, Roddas, Lefèvre, Mary, autores de "Les cadets de la reine", "Le capitaine Belle Humeur," "Valmy," "La nuit de Noel," "Le maître d'armes" e "La Mère la Victorie," que foram os melodramas de maior successo.

Concluindo, diz Léo Claretie:

"Tres factos dominam e caracterisam a temporada ultima: a ausencia dos mestres consagrados, o grande numero de escriptores novos e o appello aos theatrographos estrangeiros. (Está grassando em Paris a mania de acclimar as peças do Norte, de Ibsen, Bojortsjerne-Bjornson, Hamptman, Stringberg Heyermans, Maeterlink, nebulosas, sinistras, symbolicas e insupportaveis.)

"Nota-se uma vigorosa impulsão para a arte dramatica, que readquire vida intensa e activa, a vida que se traduz na quantidade de autores que ora trabalham o theatro, phalange laboriosa e ardente de que vão sahir os mestres de amanhã.

"Si o movimento é manifestação de vida, facil é constatar que o theatro francez é dos que gozam melhor saúde e tem diante de si um futuro digno de seu longo passado."

P. TALMA.

A alegria é uma innocencia como o bom humor é uma virtude. Sejamos alegres: a alegria é a flor da coragem.

ANATOLE FRANCE.

COLLABORAÇÃO

SERENATA ARABE

— "Ouve, formosa huri, a voz do misero cantor que, juncto á tua morada, —erguida entre as tilias e os alamos e engrinaldada pelas madresilvas e jasmims — desfere na confidente mandóra esses cantos que lhe inspiram os desejos, as aspirações de um coração em que soubeste implantar o amor mais ardente, sem igual..."

"Ouve, adorada Saphir, ouve a voz do triste beduino, que sequioso vem do terrivel deserto, á procura deste oásis tão sonhado, á procura desta lympha que apagará os ardores de sua alma..."

"Ouve a minha supplica, e te erguei á sombra dos palmeiras floridos uma tenda de purpura, mais deslumbrante que os alcaçares de Granada, mais opulenta que o harem de uma Sultana..."

"Ouve a minha voz, e terás um pavilhão de marmore encrustado de rubis e opálas, com um lago em volta, povoado de pavões, cygnos e garças, entremeados de jardins de magnolias e baunilhas, e guardado por dous leões de juba dourada..."

"Terás flôres, muitas flôres, das mais custosas e aromaticas; tudo isto terás e mais um escravo, que esse eu serel, si quizeres retribuir este amor que me inspiraste,—amor sem igual, immenso como os desertos de minha patria, fiel como o dromedario que conduz a minha tenda, deslumbrante como o Paraiso de Allah!..."

Cantára o jovem Mourhad, com voz apnixonada, ao som da graciosa mandóra...

O luar esplende nos céos, inundando de suave claridade os prados, onde as flôres em botão esperam a volta da madrugada, que as fará desabrochar!...

A pequena distancia, o camello espéra o amo. Mourhad, envolto no amplo albornoz, encostado a um muro, lucha com a fadiga e com o somno... Em vão espera... Adormece finalmente...

Pequeno ruido faz-se ouvir na casa fronteira, residencia da formosa Saphir. Uma janella se entreabre e um vulto assoma...

Mourhad tranquillamente dorme, e mais adiante o fiel dromedario mastiga a terra hervinha que lhe serve de alfombra.

Em breve uma porta gira nos gonzos e um vulto apparece no limiar.

Saphir adianta-se e contempla o somno do joven arabe:

— Dorme... e como é bello o meu querido!... Traz um raminho de flôres atado ao braço da sua mandóra!... São para mim! Pobre Mourhad, quanto me ama!... Dizem que o amor desarma... Tentarei a experiencia roubando-lhe a sua adaga, e como compensação...

Saphir, ligeira como o beija-flôr quando suga o nectar das balsaminas, imprimiu na bronzeada face do seu amante um beijo de fogo, e rapida sacou-lhe a adaga e o raminho de flôres.

Carregada com tão precioso fardo, em um momento acha-se em seu gracioso aposento, encantador ninho de fada, e cheia de infantil jubilo espregueia o amante e espera risonha o effeito que produzirá a sua traquinice.

A curiosidade, genio máo dos enamorados, suggere-lhe, porém, uma idéa:

— Ouvi de meu pai e muitas vezes, que os beduinos têm a poetica superstição de trazer gravado em suas armas predilectas o nome da mulher que adóram, e consideram este singello uso como uma égide protectora em todas as phases de sua vida... Vejamos si o meu nome aqui está...

Saphir empunha a pequena adaga, aproxima-a da lampada que illumina o aposento, eléva-a, vólta-a, examina a lamina, observa o punho... Um grito de dôr infinda escapa-lhe dos labios:

— Allah! deus de meus paes! Sêde mais uma vez bemdito, porque revelastes toda a verdade á vossa humilde serva!... Mourhad não me ama! O miseravel busca o meu amor como um passatempo, como uma distracção; quer-me para amante e não para esposa! Tenho-as aqui, as provas, terriveis provas, nesta arma, toda encrustada de pedras preciosas!... Porém, homem perverso, não me possuirás. O beijo que te dei na face, trahidor, era a aurora do nosso amor; será agora a noite de minha vida... E como eu o amava... Elle mesmo, nem o podia avaliar... Trahir-me, enganar-me, preferir outra, zombar do affecto que eu lhe dedicava e que era todo o meu encanto!

E Saphir chorava, torcendo as mãos com desespero:

— Trahir-me... Não, não serei tua... Guarda esse beijo de vida que a tua perfidia transformou em beijo de morte...

E, desvairada, louca de dôr, banhada em lagrimas, Saphir empunha a adaga e fere-se...

Mourhad acôrda sobresaltado.

Ouvira um grito lancinante, agudissimo, que lhe varou o coração como si fosse uma frécha...

Um sinistro presagio escalda-lhe a fronte e volve o olhar para as altas janelas da casa de Saphir.

Tremulo, febril, entra; sóbe uma escada, transpõe o patamar, vê uma alcova illuminada: precipita-se nella...

Que scena horrivel se lhe depára! A encantadora Saphir ali está, morta, banhada no proprio sangue, conservando entre as mãos cruzadas, como um funebre trophéo, a pequena adaga...

— Allah! exclama attonito o joven arabe. A minha adaga... e Mourhad arranca-a das mãos da morta... Comprehendo. A fatalidade fez com que nos olhos de Saphir apparecesse o nome de Fatmé, e ella, a minha adorada Saphir, julgou-me desleal, trahidor, perjúro... Oh! desventura, exclamou louco de dôr o pobre amante, cahindo de joelhos e beijando por entre torrentes de lagrimas o bello rosto da morta:

— Era o nome de minha mãe!...

JULIO REIS.

(“Scenas e Fantasias.”)

A gloria é como os pharóes gyatorios. O seu clarão ora se occulta, ora apparece: mas essa luz intermittente conduz e guia a humanidade por entre as trevas e os recifes.

JAYME DE SEQUIER.

Factos e Noticias

Realisou-se no dia 11 do corrente a festa de inauguração (dedicada á imprensa) da “Escola de Esgrima Sportiva”, estabelecida no elegante theatriuho da Maison Moderne. Compunha-se de duas partes o programma.

Constou a primeira de um assalto a sabre entre Hercules e Gnerra, sendo este vencedor, de um assalto de florete entre Pepito e Ruina, vencendo este e de outro a sabre entre Arthos e Porteno, que mostraram grande firmeza e pericia, vencendo aquelle.

Entre a primeira e a segunda parte houve um “extra” — um duello a varapao entre dois portuguezes, cremos, e que agradou muitissimo não só pela variedade e graça do jogo como pela pericia dos jogadores.

Seguiu-se a “quiniela” de oito pontos em que tomaram parte Ruina, Dutilh, Taco, Tosco, Italo, Bob e Fanfulla. Ganhou Tosco, reguindo-se-lhe Dutilh, que fez sete pontos.

Fechou a porta com chave de ouro — um assalto a florete entre os mestres Vezin e Walbornn. Foi brilhantissimo, sendo os habilissimos contendores muito applaudidos.

Depois da “quiniela” offereceu a directoria aos seus convidados uma profusa e delicada ceia, copiosamente regada a Champagne, Porto, Xerez e outros vinhos.

O director-gerente Sr. Manoel Martija saudou a imprensa, sendo este brinde correspondido pelo representante d’“A Semana” que bebeu á prosperidade da “Escola de esgrima Sportiva”, fazendo votos para que seja ella util á educação physica de nossa mocidade.

Na proxima semana será franqueada ao publico esta nova diversão, de que é director tecnico o Sr. O. Walbornn e administrador Thomaz Mayor.

O nosso escriptorio vai sendo um dos pontos favoritos das balas.

Na celebre noite de 9 do corrente uma granada, ao passar, espatifou-nos a claraboia, espantando com o enorme fracasso os empregados que faziam a expedição da folha e tres dias depois uma bala de canhão-revolver visitou o gabinete do nosso director, não passando, todavia do ferro.

Muito louvavel essa discreção.

A casa Colombo teve a gentileza de offerecer-nos dous detestaveis pesos para papel.

Agradecidos?

ARCHIVO

Recebemos o 7º numero d’A REVISTA, publicação litteraria escripta em lingua portugueza em Paris, e de que são redactores os Srs. Xavier de Carvalho, Jorge Collaço e Antonio de Souza.

Traz um excellente retrato do Sr. Hintz Ribeiro e variada collaboração litteraria. Agradecidos.

CONTOS DE MEU TEMPO, por Oscar Leal. Recife. 1893.

MINEIRAS, poesias de Francisco Amédée Peret. Ouro Preto, 1893.

TRAÇOS COM DE RÔSA, poesias de Zeferinu Brazil. Porto-Alegre, 1892.

A SEMANA

Continuando a sua primitiva maneira de ser, e para em tudo respeitar as tradições da folha, concedemos aos Srs. assignantes quites com ella, mas só a estes, as seguintes vantagens:—a) fazer á folha uma consulta medica ou juridica por mez; b) fazer-lhe perguntas ou pedir-lhe informações sobre qualquer assumpto. Tanto aquellas como estas serão respondidas com a maxima presteza, em ordem chronologica e do modo mais satisfactorio que nos for possivel.

O serviço de consultas gratuitas foi introduzido na imprensa brasileira pela “Semana” e é uma vantagem de grande valor para o assignante, por poupar-lhe algumas dezenas de mil réis no anno.

Como as respostas ás consultas são dadas pelo correio, só serão respon-

das as que vierem acompanhadas dos respectivos sellos.

Roga-se aos Srs. assignantes o favor de indicar, sempre que possam, o numero de seu recibo quando hajam de consultar-nos.

A SEMANA

São representantes e agentes d’A SEMANA

Em S. Paulo — Os Srs. José Filinto da Silva e Achilles Spilborgba.

Em Santos — Os Srs. Azevedo Sodré Junior e Weimann & C.

Em Campinas — O Sr. A. Genoud.

Em S. Carlos do Pinhal — O Sr. Carlos de Carvalho.

Em Tieté — O Sr. Julio Garcia Vieira.

Em Ouro Preto — Os Srs. Zoroastro Pires e J. A. de Souza Vianna & C.

Em Juiz de Fora — Os Srs. Anibal Jaguaribe e Rodrigo de Souza Borges.

Em S. João d’El-Rey — O Sr. Arthur Alvim.

Em Barbacena — O Sr. Dr. Feliciano Penna.

Na cidade de Palma — Os Srs. Randolpho Barbosa & C.

Em Porto Alegre — O Sr. A. Mazerot.

Na Parahyba do Sul — O Sr. Verissimo Pacheco.

Em Campos — O Sr. Mario Fontoura.

Em Santa Theresá de Valença — O Sr. Antonio de Avelhar Werneck.

Na Victoria — O Sr. Manoel Corrêa de Jesus.

Na Bahia — Livraria Olivieri, do Sr. Fernando C. Koch.

Em Sergipe — O Sr. Jacintho Gentil de Almeida.

Em Maceió — O Sr. Enéas Moreira, a Livraria Francino e a Livraria Novo Mundo.

Em Pernambuco — Os Srs. Dr. Isidoro Martins Junior e Hugo & C.

Na Parahyba — O Sr. Manoel Henriques de Sá.

No Rio Grande do Norte — O Sr. Manoel Coelho da Silva Oliveira.

No Ceará (Fortaleza) — Os Srs. Antonio Moreira de Souza e Joaquim José de Oliveira & C.

No Ceará (Baturité) — João de Pontes Medeiros.

No Maranhão — Os Srs. Ramos d’Almeida & C.

Omittimos os nomes de alguns amigos a quem escrevemos, porque não tivemos até esta data resposta das respectivas cartas. Uma vez, porém, que estas cheguem, gostosamente incluiremos os que se dignarem aceitar a agencia da “Semana”

No escriptorio d’A SEMANA, rua dos Ourives n. 71, 2º andar, acceptam-se encomendas de trabalhos typographicos de qualquer natureza, garantindo-se a modicidade nos preços e absoluta nitidez.

AGUA
PURAMENTE FRESCA
50 RUA DA QUITANDA 50
SOBRADO.

ANNUNCIOS**ESTABELECIMENTO
HYDRO E ELECTRO-THERAPICO**

DOS

Drs. Avellar Andrade e Werneck Machado

115 — Rua Sete de Setembro — 115

Rua da Carioca, 12 e 14

FILIAL EM PETROPOLIS

CHAPELARIA AMERICANA

EM FRENTE A' CASA PASCHOAL

CARVALHO PORTUGAL & C.

133. Rua do Ouvidor, 133

Importação por todos os paquetes

Completo sortimento de chapéus para homens,
senhoras e crianças, guarda-chuvas, bengalas, etc., etc.

Rio de Janeiro

FABRICA ORPHANOLOGICA

DE

FLORES ARTIFICIAES

Ribeiro de Carvalho & C.

RUA DO PASSEIO

*Têm sempre um grande e escolhido sortimento de grinaldas, flores,
etc., etc**PIANOS E MUSICAS
FONTES & C.**

Rua dos Ourives 51

Telephone 1051

RIO DE JANEIRO

O PEDAGOGIUM

13 Rua do Visconde do Rio Branco 13

BIBLIOTHECALaboratorio de Chimica, Gabinetes de Physica
e Historia Natural.**EXPOSIÇÃO DE MATERIAL ESCOLAR**

ESTÁ FRANCO AOS ESTUDIOSOS

Nos dias uteis das 10 horas da manhã ás 3 da tarde

REVISTA PEDAGOGICAOrgão do PEDAGOGIUM. Distribuição gratis aos
Srs. Professores.

ESTA PUBLICADO O 1º FASCICULO DO TOMO V

Dr. R. Rajardo

CLINICA MEDICA

Consultorio, Rua do Hospicio n. 22, das 2 ás 4 horas

Residencia Praia do Flamengo n. 96

TELEPHONE 5032

DR. HENRIQUE DE SÁ

CLINICA MEDICO-CIRURGICA

12, RUA PRIMEIRO DE MARÇO, 12

Das 12 ás 3 horas

Dr. Ed. Chapot Prévost

Lente Cathedratico da Faculdade

Gynecologia e Operações

23 — RUA DA QUITANDA — 23

Das 2 ás 4 horas

Reside na Rua Alice n. 3 — Laranjeiras

DR. VALENTIM MAGALHÃES

ADVOGADO

RUA DOS OURIVES N 71

SEGUNDO ANDAR

DE 1 A'S 3 HORAS

DR. VIEIRA SOUTO

Medico e Operador

Especialidade : Partos e Molestias das Senhoras

Residencia e Consultorio :

RUA DOS ANDRADAS N. 6

Consultas de 1 a's 4 horas Telephone 1138

Papelaria LUIZ MACEDO

64, RUA DA QUITANDA, 64

Importação de papel de todas as qualidades

Completo sortimento de livros e objectos
para escriptorio e de fantasia.